



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

HERBERT DE ANDRADE OLIVEIRA

**ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: CONSTRUINDO  
NARRATIVAS PARA SALA DE AULA**

CAMPINA GRANDE –  
PB 2014

**HERBERT DE ANDRADE OLIVEIRA**

**ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: CONSTRUINDO  
NARRATIVAS PARA SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao curso de especialização “Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares” da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Dra. Auricélia Lopes Pereira

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48e Oliveira, Herbert de Andrade  
Entre histórias e memórias [manuscrito] : construindo narrativas para sala de aula / Herbert de Andrade Oliveira. - 2014.  
52 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof.<sup>a</sup> Auricélia Lopes Pereira, Departamento de História".

1. História. 2. Educação. 3. Comunidades Locais. I. Título.  
21. ed. CDD 370.8

**HERBERT DE ANDRADE OLIVEIRA**

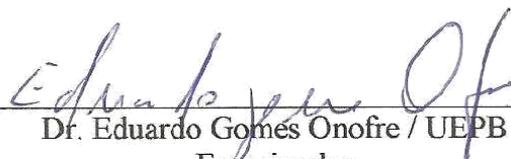
**ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: CONSTRUINDO  
NARRATIVAS PARA SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao curso de especialização “fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares” da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/julho/2014



Dra. Auricélia Lopes Pereira / UEPB  
Orientadora



Dr. Eduardo Gomes Onofre / UEPB  
Examinador



Dr. Ricardo Soares da Silva/UEPB  
Examinador

## **DEDICATÓRIA**

Aos esquecidos da História.

## **AGRADECIMENTOS**

Especialmente a minha companheira, por me acompanhar na empreitada incerta da vida.  
Aos meus pais, filho, aos antepassados e presentes da nossa família, e a todos ou todas que por perto passaram ou que por perto ainda estão.

Por aceitar o convite para compartilhar comigo alguns dos seus conhecimentos e me ajudar nesse trabalho historiográfico, fico grato a minha orientadora.

## RESUMO

Na sociedade capitalista atual, constantemente são bloqueados os elos das camadas populares com a lembrança, com a memória coletiva que em outros tempos era passada oralmente pelas gerações e sustentada em base materiais rígidas. Os indivíduos e grupos sociais menos favorecidos economicamente estão sujeitos mais do que nunca a perda das suas relações com o passado, portanto de suas identidades.

Em contraposição a esse contexto, as comunidades locais necessitam preservar suas memórias e construir elas próprias suas histórias de vida.

Fazendo uma ponte com a educação, sabemos que o aluno lida com as representações agenciadas no livro didático como verdades e não como produtos confeccionados numa rede complexa de poder e saber. Nesse sentido, faz-se necessário trazer a discussão da memória para sala de aula, a partir de histórias resgatadas pela oralidade e pelas várias modalidades de escrita. Com isso o aluno irá perceber que a História pode ser contada a partir de vários ângulos.

A primeira parte do nosso trabalho, “entre histórias e memórias”, é uma discussão teórica que trata, no fundo, da necessidade de chamarmos atenção para o(s) lugar(es) da memória na história.

O capítulo seguinte, “construindo narrativas para sala de aula”, trata de outra necessidade: devemos construir uma educação articulada com a realidade local.

Nesse trabalho procuramos envolver “memórias e histórias” das comunidades locais com os conhecimentos e as aulas ministradas nas escolas públicas, possibilitando a produção e circulação de novos saberes em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** memórias; historias de vida; João Roberto; Benedito do Rojão; José Batista.

## ABSTRACT

The current modern capitalist society has constantly blocked links from popular layers to their memory, with the collective memory, which once was passed orally through generations, sustained and based on rigid materials. Individuals and social groups less advantaged economically, subjected more than ever of the loss of their relationship with the past, thus their identities. In contrast to this context, local communities need to preserve their memories and build themselves their life's stories. Making a bridge with education, we know that the student deals with the representations supported by textbooks as truths and not as products made in a complex network of power and knowledge. Through that sense, it is necessary to bring discussion of memory to the classroom, from stories redeemed by orality and the various forms of writing. Thus the student will realize that history can be told from many angles. The first part of our work, "between stories and memories", is a theoretical discussion that is, at bottom, the necessity of calling attention to the place(s) of memory in history. The next chapter, "constructing narratives for classroom", is another necessity: we must build an education associated with the local reality. In this paper we seek to engage "memories and stories" of local communities with the knowledge and lessons taught in the public schools, enabling the production and circulation of new knowledge in the classroom.

**KEYWORDS:** memories; life's stories, João Roberto, Benedito do Rojão, José Batista.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

IMAGEM 01 - Batista em frente a sua casa com dois filhos .....	25
IMAGEM 02 - Pedreira do Catolé, 1981 .....	26
IMAGEM 03 - Detalhe da Pedreira do Catolé, 1981 .....	26
IMAGEM 04 - Moto atolada por conta dos alagamentos na Pedreira do Catolé, 1981 .....	26
IMAGEM 05 - Batista esculpindo em casa (1981) .....	27
IMAGEM 06 - Esculturas expostas ao lado do Hotel Tambaú em João Pessoa .....	28
IMAGEM 07 - Batista em trabalho de criação (2010) .....	29
IMAGEM 08 - Capa do terceiro CD de Benedito do Rojão .....	31
IMAGEM 09 – Cruz em homenagem a João Roberto (Catolé do Rocha/PB, 2013) .....	39
IMAGEM 10 - Açude Olho D'água (2013) .....	42
IMAGEM 11 - Casa onde teria se hospedado (atual distrito de Coronel Maia) .....	43
IMAGEM 12 - Última foto em vida (05-07-1969).....	45

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS</b> .....	14
2.1	Memórias .....	14
2.2	História oral (oralidades e entrevistas) .....	17
2.3	Biografias, histórias de vida e outras narrativas .....	18
2.4	Novos olhares para a História .....	21
<b>3</b>	<b>CONSTRUINDO NARRATIVAS</b> .....	24
3.1	Um escultor chamado Batista .....	24
3.2	Benedito, mestre do Rojão .....	31
3.3	As mortes de João Roberto .....	39
	<b>CONCLUSÕES</b> .....	47
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49

## 1. INTRODUÇÃO

“Entre histórias e memórias” trata da necessidade de chamarmos atenção para o(s) lugar(es) da memória na história.

Tradicionalmente, a ciência histórica moderna atuou como mais um dos poderes que excluía a maioria dos indivíduos e grupos sociais do seu direito ao passado, expulsando-os para o lugar do esquecimento.

É possível e necessário construir outra visão historiográfica através das informações trazidas pela memória. É possível garantirmos voz aos grupos marginalizados em vários sentidos. É possível registrarmos e perpetuarmos para as futuras gerações novas visões.

Seguir o percurso de uma história de vida individual na verdade é pesquisar uma história social. Um mundo social extremamente complexo pode nos chegar através das memórias, especialmente dos velhos.

Entendendo que história e memória dialogam, mas também falam a partir de lugares distintos, nossa pesquisa traz à tona três histórias, três memórias: Um escultor chamado Batista, Benedito, mestre do rojão e As mortes de João Roberto.

São três casos singulares, ligados entre si por um fio. A memória que nunca terá como sinônimo a lembrança, mas a confecção no presente de um tempo passado que não cessa de se repetir enquanto devir, enquanto *vir-a-ser* no processo ativo que lembra e no processo ativo que escreve. O falar e o escrever não trazem consigo a representação do objeto no sentido de re-apresentação do mesmo, mas uma operação criativa, poética que reinventa o objeto na medida em que o apresenta.

“Construindo narrativas para sala de aula” trata de outra necessidade: enquanto professores devemos estimular a construção de um tipo de educação articulada (no caso da disciplina de história) com a realidade local dos estudantes. Para alcançar esse fim devemos ter, justamente, uma educação voltada não para uma simples transmissão de conhecimentos, mas também para a própria produção de saberes.

Esse “professor-pesquisador” e a produção em sala de aula por ele estimulada se torna uma forma de empoderamento, entre outros para os próprios alunos e às instituições escolares.

Essa discussão fortemente enfrentada na Academia, no ensino básico é silenciada. Nesse sentido também procuramos problematizar, a partir dos três casos estudados, por que há esse silêncio nas aulas de História envolvendo a memória e histórias locais? Silêncio produzido, entre outros motivos, pela simples assimilação de saberes “pré-fabricados”,

desconectados da contingência e dos fios que tecem a vida e que atravessam a morte dos nossos alunos e professores.

O aluno lida com as representações agenciadas no livro didático como verdades e não como produtos confeccionados numa rede complexa de poder e saber que não cessa de se escrever sobre o corpo do outro. Nesse sentido, faz-se necessário trazer a discussão da memória para a sala de aula a partir de histórias resgatadas pela oralidade e pelas várias modalidades de escrita, uma vez que permite ao aluno entender que a operação historiográfica tem como um dos seus suportes a memória, embora não se reduza a ela. Permite também ao aluno perceber que a História pode ser contada a partir de vários ângulos, a exemplo das mortes de João Roberto, e ainda entender que o esquecimento que se escreve sobre a memória também deve ser enfrentado, a exemplo da memória esquecida do escultor Batista.

Podemos pensar a ferramenta da memória como importante também sobre esse aspecto, o de permitir a operacionalização não só da história local, mas também de uma história viva.

Como de praxe, informamos que nossa monografia está dividida em duas partes: no primeiro capítulo – entre História e Memórias - nos propomos a fazer inicialmente uma discussão sobre memória; mas no caso do historiador não podemos pensar a memória sem trazer à tona a questão da história oral. Em seguida, passamos a discutir o lugar da biografia e sua importância enquanto suporte da memória e da história. Entretanto, toda essa discussão que intercrusa (memória/história oral e biografia) no campo da história não seria possível sem as mudanças ocorridas no próprio epicentro da operação historiográfica que, implodindo com a própria noção de centro, dirigiu-se para as margens, produzindo deslocamentos impactantes no ofício do historiador e que a sala de aula de história não pode mais continuar a ignorar. Deslocamos a escrita como suporte máximo e absoluto do historiador, implodimos com essa centralidade e histórias em migalhas, múltiplas e estilhaçadas começaram a “aparecer” e contar outras histórias. Deslocamos um olhar que estabelecia as elites ou as grandes estruturas como sujeitos da história e passamos a localizar esses sujeitos no anonimato, nos sujeitos mal anunciados até mesmo pela ideia de classe. Os sujeitos se multiplicam nas favelas, nas pedrarias, nos morros e nos becos sem saída e nesse movimento quebramos também com uma suposta ideia de cultura que desvalorizava o popular. Essas são questões enfrentadas no nosso primeiro capítulo.

O segundo capítulo – construindo narrativas – “resgata” a história do escultor Batista, de Benedito, mestre do Rojão e da trama em torno da morte de João Roberto que terminou por tecer a partir de uma memória oficial e das memórias estilhaçadas e estilhaçadoras do

cotidiano várias mortes para o indivíduo João Roberto. Trata-se de histórias singulares, histórias marcadas por uma singularidade que salva. Textos sucintos, mas que nos permitem vislumbrar além de trajetórias individuais, verdadeiros cenários de uma rica vida social.

Mas quem foi o escultor Batista? Batista nasceu no Junco do Seridó e posteriormente passou a morar em Campina Grande. Foi pedreiro, garimpeiro, agricultor. Mas sobretudo foi escultor. Um escultor silenciado pelo tempo e que, esquecido no tempo, também o foi por esta que se anuncia no universo acadêmico como a guardiã do passado: A História. Batista no início da década de 80 passou a frequentar o Ateliê Livre de Arte do Museu de Arte Assis Chateaubriand em Campina Grande. Ali trabalhou vários anos, não só produzindo peças de arte, mas também repassando seus conhecimentos para alguns jovens artistas que, então, frequentavam o museu. Os jornais chegaram a entrevistá-lo, fotografá-lo, mas o escultor que vivia em situações economicamente precárias foi esquecido. Quantos alunos conhecem a história desse personagem? Quantas vezes uma aula foi ministrada tendo como tema sua vida e suas obras de arte e até mesmo sua vida como obra de arte? Esta monografia pretende enfrentar esse silêncio na sala de aula, propondo-se a contar... Contar a história de um homem, de uma vida para fazer surgir nas salas de aula novos sujeitos, novas paisagens e fazer da História a travessia que o aluno necessita para pensar sobre sua própria vida, estudando e conhecendo outras vidas.

Vidas como a de João Benedito Marques, Benedito do Rojão, nascido no sítio Juá, distrito de Catolé de Boa Vista (hoje pertencente a Campina Grande/PB), no ano de 1938. Mestre na arte de tocar e cantar variados ritmos musicais, entre eles um derivado do forró que se chama “rojão”, o seu nome também está inscrito nas polêmicas que envolvem autoria de músicas de Jackson do Pandeiro. História que cruza com o poder da memória na engenharia do passado e na confecção de silêncios. História que pode permitir ao aluno do ensino básico perceber como na fabricação midiática de grandes nomes, a exemplo de Jackson do Pandeiro, pode silenciar verdades atravessadas de incômodos.

As biografias de Batista e de Benedito, e a biografia de muitos outros sujeitos históricos, podem se constituir ferramentas didáticas importantes no estudo não só da história local, mas da construção de identidades inscritas nas relações de poder e saber que cruzam com a força afetiva e plástica da memória.

Ao final do capítulo temos a história de uma morte, ou melhor, as mortes de João Roberto...

Líder estudantil paraibano, perseguido pela ditadura cívico-militar, teve sua morte anunciada em 10 de outubro de 1969. Apesar de saber nadar muito, por ter nascido e crescido

próximo ao mar, a versão oficial afirma que sua morte foi em consequência de afogamento no açude Olho D'Água, no município de Catolé do Rocha, sertão da Paraíba. Algumas fontes bibliográficas afirmam que o estudante foi sequestrado em João Pessoa e depois levado para Catolé do Rocha, e que, segundo os familiares, o corpo estava com hematomas, queimaduras e unhas perfuradas. Por sua vez, os moradores locais tem sua própria versão para os últimos dias de João Roberto em vida.

Rumando para a conclusão da nossa introdução, vale ressaltar que as narrativas apresentadas foram resultado da escrita de um professor inquietado com os esquecimentos que as memórias e histórias locais sofrem, tanto pela carência de produção historiográfica (e de outras disciplinas) quanto e especialmente pela ausência de discussões a esse respeito em sala de aula.

Quando executávamos o ofício historiográfico, buscamos seguir as orientações e técnicas que conhecemos. Entretanto, é possível simplificar os métodos e diminuir as expectativas e cobranças sobre “as verdades” contidas nos textos, de forma a facilitar a pesquisa e produção de narrativas similares em sala de aula, com a participação ativa dos alunos da educação básica.

## 2. ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

*Essa lembrança que nos vem às vezes...  
folha súbita  
que tomba  
abrindo na memória a flor silenciosa  
de mil e uma pétalas concêntricas...*

*Essa lembrança... mas de onde? de quem?  
Essa lembrança talvez nem seja nossa,  
mas de alguém que, pensando em nós, só possa  
mandar um eco do seu pensamento  
nessa mensagem pelos céus perdida...  
Ai! Tão perdida  
que nem se possa saber mais de quem!*

*Mario Quintana*

### 2.1. Memórias

A memória é nossa primeira experiência sobre o tempo. Antes do tempo cronológico, a memória deixa claro uma divisão temporal entre o que é hoje e o que foi ontem. Nessa relação, passamos também a imaginar o que será depois, ou o que chamamos de amanhã. Através da memória tomamos conhecimento que, de alguma forma, existe o tempo, e esse não é estático. Memória é, como diz a filosofia, a mais reveladora manifestação da nossa relação com o tempo.

A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança. Alguns estudiosos julgaram que a memória seria um fato puramente biológico, isto é, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e idéias, gestos e palavras. Para esses estudiosos, a memória se reduziria, portanto, ao registro cerebral ou à gravação automática pelo cérebro de fatos, acontecimentos, coisas, pessoas e relatos.

Essa teoria, porém, não se sustenta. Em primeiro lugar, porque, se a memória fosse mero registro cerebral de fatos e coisas passados, não se poderia explicar o fenômeno da lembrança, isto é, que selecionamos e escolhemos o que lembramos e que a lembrança tem, como a percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (há lembranças alegres e tristes, há saudade, há arrependimento e remorso). Em segundo lugar, também não se poderia explicar o esquecimento, pois se tudo está espontâneo e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras tantas. (Chauí, 1997, p. 128)

Nesse processo que envolve elementos objetivos e subjetivos no acúmulo de informações sobre o passado e presente, tão importante quanto a categoria da lembrança é o próprio esquecimento. *“Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época.”* (Bosi, 2003, p. 18)

Vimos que o termo “memória” tem variadas definições. Para a ciência histórica, embora não se resuma apenas a esses, é usada frequentemente para tratar de dois fenômenos distintos mas relacionados: refere-se tanto ao processo que ocorre no nível da mentalidade humana, seja ela individual ou coletiva, quanto a cultura material gerada pelas sociedades ao longo do tempo, ou seja, toda produção material humana (edificações, monumentos, obras de arte, utensílios da vida cotidiana, CDs, livros, entre muitos outros exemplos).

Segundo Gonçalves (2000, p. 16):

(...) a palavra memória denomina tanto, a) o mecanismo de lembrança e esquecimento do tempo vivido pelos indivíduos e pelas sociedades (trata-se de uma dimensão ‘interior’ da memória) quanto b) a existência objetiva da experiência dos grupos, através do tempo, objetividade essa expressa nos monumentos, documentos e relatos da sua história.

Como na poesia de Mário Quintana *“Essa lembrança... mas de onde? de quem? / Essa lembrança talvez nem seja nossa, / mas de alguém que, pensando em nós, só possa / mandar um eco do seu pensamento / nessa mensagem pelos céus perdida... / Ai! Tão perdida / que nem se possa saber mais de quem!”*, sabemos que não é possível determinar, por assim dizer, de quem exatamente é a memória... Na verdade, tudo aqui é coletivo, desde as memórias transformadas por nós em fontes históricas, passando por este texto, feito de recortes e colagens devidamente interpretadas e incrementadas.

A sociologia esteve na vanguarda dessas discussões sobre os aspectos coletivos e individuais que formam a memória. A partir de então, sabe-se que o registro de algo exterior ao indivíduo é um registro pessoal, mas também social. A família e a sociedade como um todo exercem para a memória pessoal um *“(...) apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado.”* (Bosi, 2003, p. 54)

Portanto, seguir o percurso de uma história de vida individual na verdade é pesquisar uma história social. Como consequência, a escrita de uma história de vida deve ser também a escrita de uma história social; pontos específicos de uma história infinita.

O mundo social extremamente complexo pode nos chegar através das memórias, especialmente dos velhos.

O verdadeiro teste para a hipótese psico-social da memória encontra-se no estudo das lembranças de pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (Bosi, 1994, p. 60)

O sujeito que recorda e fala, o faz a partir do seu presente. Mesmo alguém da terceira idade sempre estará recordando e transmitindo suas memórias a partir das influências e determinações do momento presente. Ele escolhe o que falar, o que não falar, até onde falar, como falar. *“Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador, e das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentre de um tesouro comum”* (Bosi, 1994, p. 411)

Para concluir esse tópico, sabendo que “memória” e “história” não são a mesma coisa, mas estão relacionadas entre si, é possível citarmos pelo menos

(...) duas possíveis formas de relação da história com a memória. Na primeira, a história pode ser identificada como alimento da memória e, simultaneamente, a memória pode ser tomada como uma das fontes de informação para a construção do saber histórico. Na segunda, a História assume uma dimensão específica de cultura erudita, voltada para produção de evidências e, portanto, assume uma função destrutiva da memória espontânea.

No primeiro caso, pode-se inferir que a História, por ser fertilizadora da memória, acaba por contribuir para que a sociedade encontre, através da própria História, subsídios necessários ao processo inerente ao ser humano de busca de identidade. (...) (Neves, 2000, p. 111)

## 2.2. História oral (oralidades e entrevistas)

Há um debate dentro da ciência histórica acerca do que ficou conhecido como “história oral”. Para seus defensores, a história oral forma uma verdadeira ciência, um campo do conhecimento com objetivos, métodos e técnicas de investigação próprios. Contrariamente a estes, existem aqueles que defendem que a história oral não forma um campo novo do conhecimento. Seria, nesse entendimento, um método histórico específico.

(...) a história oral não existe enquanto área do conhecimento – eu, pelo menos, estou alinhado com pesquisadores e historiadores que vêm no uso das fontes orais apenas uma forma de produzir uma fonte para o trabalho do historiador – e nisso continuo discordando frontalmente daqueles que dizem que publicar entrevistas é fazer um tipo diferente de história, chamado História Oral. (...) a pesquisa, o cruzamento de fontes, enfim tudo que enseja a complexa operação historiográfica, só ocorre na hora em que se faz uma análise, quando se constrói uma narrativa histórica. A entrevista não se constitui como uma narrativa histórica e o depoente não constrói por meio da memória oral um relato histórico; é apenas um depoimento, uma entrevista, que não institui uma narrativa histórica com todas as suas implicações historiográficas, documentais, metodológicas e escriturais. (Montenegro, jan/jun de 2008, p. 194)

A ciência histórica hoje em dia trabalha com uma gama bastante variada de fontes para a construção de narrativas sobre o passado. Entre essas fontes, estão entrevistas gravadas e transcritas, a materialização das lembranças dos sujeitos que deram depoimentos orais.

Os depoimentos orais, sua gravação e posterior transcrição, podem muitas vezes dar conta melhor da complexidade dos fatos e relações sociais do que os documentos tidos como oficiais (provenientes das instituições e do Estado).

Acreditamos que um historiador não deve se restringir em seu trabalho exclusivamente nos depoimentos orais (achando que assim faz um tipo de História Oral). Muito menos se restringir a realizar uma entrevista e publicar a mesma.

Nesse processo, houve a produção de fontes históricas, os documentos orais (transcrições). Da produção desses documentos, podemos afirmar que participaram o historiador (através do seu ofício) e o depoente (por meio de suas memórias).

De toda forma, trabalhar com fontes, com sujeitos vivos, pode ser uma forma mais rica para obtenção de conhecimentos. Podemos voltar várias vezes a mesma fonte, e inclusive nessas idas e vindas constatar que semelhanças e diferenças de uma mesma informação existem nos discursos; todos os ângulos do assunto podem ser investigados.

Lembramos uma passagem de Walter Benjamin (apud Bosi, 1994): *“O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”*

É importante salientarmos que a memória oral não apresenta informações, pontos de vista e formas padronizadas como apresentam alguns documentos oficiais, ao contrário, ela tende a demonstrar pontos de vista distintos ou mesmo contraditórios e formas diversificadas. Para alguns historiadores, é justamente esse ponto que traz riqueza para a narrativa baseada em memórias orais.

Isso não quer dizer que os testemunhos orais são sempre mais autênticos que os provenientes de instituições, e vice e versa. O entrevistado *“mesmo que não queira, está construindo e, de certa maneira, instituindo uma identidade, uma imagem que poderá se tornar pública, por meio de palavras. Aquele relato oral de certa forma imobiliza um conjunto amplo e diversificado de experiências, opiniões, pensamentos, sonhos.”* (Montenegro, jan/jun de 2008, p. 203)

Com o senso crítico apurado que deve ter qualquer historiador, podemos considerar que muitas vezes a fonte oral deva ser usada mais para suscitar problemas (de pesquisa e outros) do que para fazer afirmações propriamente ditas.

### **2.3. Biografias, histórias de vida e outras narrativas**

Desde longo tempo existe o interesse humano em pesquisar e eternizar por meio da escrita epopeias de vidas individuais. Tradicionalmente, as trajetórias de personalidades encaradas como importantes por suas posições privilegiadas dentro das sociedades de classes, como reis, imperadores, generais, políticos de destaque, entre vários outros, foram objetos privilegiados de variados estudos históricos.

Gênero de escrita que como dissemos é bastante antigo, o que chamamos hoje de biografia (que não é a única forma de escrita sobre trajetórias individuais de vida) não tinha até mais ou menos recentemente objetivo de narrar a vida de pessoas comuns (trabalhadores rurais, operários das indústrias, mestres de conhecimentos populares como raizeiros e parteiras, artistas de rua, etc). Porém, essa tendência foi um pouco alterada com o lançamento nas décadas recentes de teorias e trabalhos de pesquisa que demonstraram ser o estudo de trajetórias individuais de pessoas das classes populares, um meio bastante eficiente para obtenção de conhecimentos sobre toda uma sociedade e sua dinâmica própria de transformações.

Mas para que isso ocorra não basta colocar os sujeitos das classes populares como objetos de pesquisa desenvolvida nos meios exclusivamente acadêmicos. É necessário realmente dar voz aos membros das classes menos favorecidas social e economicamente. É necessário que seja feita uma história das classes populares; a história das classes populares vista a partir delas mesmas.

Interessante notar, nesse sentido, a diferença conceitual que por vezes é dada as “*biografias*”, “*autobiografias*” e “*histórias de vida*”. As biografias seriam caracterizadas por uma pesquisa e narrativa, desenvolvida por um pesquisador sobre trajetórias individuais de vida de um outro sujeito (em vida ou já falecido). As autobiografias são a escrita da trajetória individual desenvolvida pelo próprio indivíduo que foi sujeito da história (a escrita sobre si próprio). Já as histórias de vida são um trabalho de parceria entre o sujeito biografado e um pesquisador que procurará não intervir demasiadamente na forma como é narrada a trajetória individual. Nesse último caso, a fonte privilegiada de informações é a memória e ainda mais importante do que entrar no debate sobre VERDADE x MENTIRA, trata-se de discutir a visão que o sujeito tem sobre sua própria história.

Difere da "autobiografia" e da "biografia", pois na primeira a pessoa escreve sobre sua própria vida, e na segunda um pesquisador faz uma investigação em diversas fontes (podendo inclusive fazer uso de depoimentos orais) para desvendar a história de determinado indivíduo. Em comum, esses três gêneros (histórias de vida, autobiografia, biografia) trabalham com a sequência de vida individual, a sequência biográfica.

A produção de uma “história de vida” pode gerar importantes conhecimentos históricos, ao mesmo tempo em que exige o encontro de diferentes disciplinas (como a filosofia, psicologia e sociologia) que irão fornecer bases teóricas para análises a partir de variados enfoques.

(...) autobiografia consiste na narrativa da própria existência e (...) o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro.

A história de vida, por sua vez, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um **narrador-sujeito** e de um intérprete.

Já a biografia se define como a história de um indivíduo redigida por outro.

(...) enquanto na autobiografia o trabalho de edição é feito pelo próprio narrador, que seleciona e constrói seu texto, na história de vida, para preparar a publicação do texto biográfico, o investigador tem de realizar três operações sucessivas: o recorte do texto, a montagem e a tradução (passagem da linguagem oral para a escrita). (Pereira, 2000, p. 118)(**grifo**

**nosso)**

No caso da "história de vida", além da história propriamente dita o que interessa é a versão dada pelo indivíduo sobre si próprio.

*A priori*, aceitamos as informações dadas pelo **narrador-sujeito**, mas sempre tivemos o cuidado de observar se essas informações não poderiam contradizer fontes históricas amplamente aceitas.

Sobre as biografias, normalmente elas são vistas como “mais precisas”, “científicas”, pois são feitas por um pesquisador que cita documentos e fala sobre os fatos objetivamente, realisticamente. Essa visão esconde o fato de que qualquer trabalho, seja ele tido como científico ou não, é parcial e traz todas as influências dos seus autores embutidas no texto.

Sendo assim, um dos pontos mais interessantes das histórias de vida é que, como falamos, temos em grande medida a interpretação do narrador sobre sua própria vida.

(...) a história de vida permite explorar melhor certos elementos que, em geral, são lacunares nos textos autobiográficos e biografias: aspectos da intimidade, processos de tomada de decisões, vida cotidiana, etc.. Além disto, permite maior controle sobre as informações e, portanto, uma maior confiabilidade do relato. Conduzindo a conversação, o investigador estimula o entrevistado a lembrar-se (...) Um entrevistador que está compilando uma história de vida pode voltar diversas vezes ao tema, colocando questões de controle, ou ajudar o sujeito a se lembrar de fatos e eventos. (Pereira, 2000, p. 119)

As histórias de vida possuem maiores possibilidades para se adentrarem nas complexas relações entre o indivíduo e o meio social. Podemos conhecer o social a partir de práticas individuais.

De certa forma invertemos um pouco a lógica cujo contexto social é pano de fundo imóvel da história. Centrando a pesquisa no indivíduo, buscamos conhecer nesse processo o contexto complexo e continuamente em transformação, observando como o indivíduo atuou no meio e como o meio influenciou o indivíduo. Assim, também conseguimos compreender melhor a influência mediadora, entre o indivíduo e o meio, que exerce a família, os vizinhos, a escola e outros grupos.

É importante salientar que, por serem conceitos, “histórias de vida” e “biografias” possuem diferentes definições. Trabalhamos com as definições dadas acima.

Refletimos ainda que,

Em se tratando de histórias de vida, são muitas as tarefas do pesquisador: alertar para os elementos de invenção, de aproximação ou de fantasia que ronda toda narrativa e, antes de pedir que acreditemos nos fatos relatados

palavra por palavra, deve nos providenciar a chave que transforma o documento cru em uma fonte histórica, explicitando por que razões a plausibilidade é atribuída a uma parte da história de vida e não a outra. E mais: é muito importante elucidar os mitos presentes nas histórias de vida, antes que sua autenticidade possa ser apreciada: “esses mitos que nós todos podemos encontrar prontos para adaptar à nossa situação pessoal e interpretar nossos próprios passados” (Pereira, 2000, p. 126)

Como vimos, nas histórias de vida a complexidade do ofício do historiador não é menor do que em outros gêneros historiográficos. Talvez se torne até maior.

Entre outras observações, é importante que durante todo o caminho da pesquisa e elaboração textual da narrativa seja realizada consulta regular a outras fontes de informações além dos depoimentos orais.

#### **2.4. Novos olhares para a História**

Com o advento da sociedade contemporânea, da transmissão de informações pelos livros e outros meios ainda mais modernos, houve uma “espoliação das lembranças”.

Hoje, os indivíduos e grupos sociais estão sujeitos mais do que nunca a perda dos seus elos com o passado, portanto de suas identidades.

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros (...) ficamos esperando que cada um dos lembradores não realize o projeto de buscar uma rua, uma casa, uma árvore guardadas na memória, pois sabemos que não irão encontrá-las nessa cidade onde, como você assinala agudamente, os preconceitos da funcionalidade demoliram paisagens de uma vida inteira.

Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. (...) Dessa maneira, as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra `história`, por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade. (...) (Bosi, 1994, p. 19)

Poucos indivíduos e grupos possuem as condições objetivas necessárias para garantir que a história de suas trajetórias individuais e coletivas sejam registradas e publicadas por escrito.

A própria academia com suas regras para a produção histórico-científica, o Estado com suas normatizações sobre ensino e pesquisa, a sociedade com seus conceitos e preconceitos, a economia material que impõe restrições, entre outras pressões, distancia a história escrita da maioria dos homens e mulheres que vivem e já viveram. Se poucos são aqueles que têm condições de acesso e assimilação dos conhecimentos produzidos sobre o passado, muito menos são os que têm o poder da escrita histórica ou o poder de influenciar esta.

Assim, a história e as memórias de alguns indivíduos e grupos sociais se impõem sobre os outros, que são a maioria.

Talvez ainda mais profunda seja a constatação de que, sem os vínculos com outras épocas, por conta da destruição de suas memórias materiais e da quebra do círculo de transmissão oral, bem como por não ter acesso aos meios para se realizar uma pesquisa e proceder uma escrita, a maioria dos indivíduos e grupos sociais são jogados na indeterminação de não terem conhecimentos e técnicas que no passado deram certo. Limitados em conhecimentos (sobre cura de doenças, por exemplo) e técnicas (artes e ofícios manuais que lhes conferissem renda, por exemplo), esses setores acabaram se tornando marginalizados, suas vidas materiais se tornando mais insalubres, a pressão sobre eles exercida pela economia e cultura de mercado gerou um nível de demanda material insustentável para suas possibilidades reais de conquista.

Tradicionalmente, a ciência histórica moderna atuou como mais um dos poderes que excluía a maioria dos indivíduos e sociedades do seu direito ao passado, expulsando-os para o lugar do esquecimento.

Os indivíduos das camadas populares, em contraposição, praticamente não tinham chance de ter suas vidas contadas por escrito, fosse por eles mesmos, fosse por outra pessoa, e muito menos de vê-las publicadas. Assim, o discurso sobre sua vida fica contido na memória de seu grupo (a vila, o campo), e raramente ultrapassa esse círculo. Fechado em um mesmo meio, sua vida não tem o tipo de individualidade própria para suscitar interesse, e que é freqüentemente ligada à mobilidade e ao sucesso social. Enquanto forma individual, ela não é portadora, aos olhos dos que são suscetíveis de fabricar e de consumir o impresso, de qualquer valor. (...) O vivido das classes dominadas, de fato, não está entre suas mãos. Como sugere Pierre Bourdieu, 'as classes dominadas não falam, elas são faladas'. Seu vivido é estudado de cima, de um ponto de vista econômico e político, em pesquisas que, naquela época, não passam pelo relato de vida. Ele é imaginado no discurso jornalístico e romanesco das classes dominantes, que ele alimenta ao mesmo tempo de sonhos (sobretudo os camponeses) e de pesadelos (sobretudo os operários). A partir do momento em que os meios camponeses e operários têm acesso à prática da escrita (e em particular do relato de vida)

eles o farão a partir de imagens deles mesmos já constituídas, que eles encontrarão no seu caminho (...).(Pereira, 2000, p. 125)

É necessário romper com as visões mais tradicionalistas em relação a história.

A escrita da história popular (leia-se, de grupos humanos social e economicamente menos favorecidos e marginalizados) é uma forma de resistência contra o esquecimento. Contra o esquecimento de bens culturais de grande valor para toda humanidade.

É possível e necessário construir outra visão historiográfica através das informações trazidas pela memória. É possível garantirmos voz aos grupos marginalizados em vários sentidos. É possível registrarmos e perpetuarmos para as futuras gerações uma nova visão de história.

Enquanto guardiã de infinitos conhecimentos, *“a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura (...)”* (Bosi,, 2003, p. 15)

Assim temos a história vista com outro olhar. A história sendo escrita com fontes não tradicionais, não oficiais.

### 3. CONSTRUINDO NARRATIVAS

#### *Memória*

*Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.*

*Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.*

*Mas as coisas fndas  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

*Carlos Drummond de Andrade*

#### 3.1. Um escultor chamado Batista

Filho de José Batista dos Santos e Nely Menezes dos Santos, José Batista dos Santos Filho nasceu em 11 de setembro de 1947 em Junco do Seridó, então distrito de Santa Luzia/PB (que veio a se tornar cidade em 1961). Falecido recentemente em Campina Grande.

Foi agricultor, pedreiro e até garimpeiro. E em alguns momentos praticava desenho e pintura; começou a desenhar com 6 anos de idade e a pintar com 17 anos.

Seus pais e outras pessoas da comunidade tinham o costume de fazer rusticamente pequenos bonecos com variados tipos de pedra. Região de forte exploração mineral, esses objetos artísticos eram feitos de forma espontânea por pessoas que, por conta de seu ofício diário, já sabiam utilizar ferramentas e além disso tinham conhecimento sobre pedras.

Viveu em Junco do Seridó até seus 22 anos de idade, quando se mudou para Campina Grande/PB.

Nunca fez um curso ou estudou em qualquer escola de artes, mas desenvolveu um estilo de pintura e principalmente escultura bem interessante.

Em inícios da década de 80 passou a frequentar o Ateliê Livre de Arte do Museu de Arte Assis Chateaubriand, em Campina Grande. Nesse ateliê trabalhou vários anos, não só

produzindo peças de arte, mas também repassando seus conhecimentos para alguns jovens artistas que então frequentavam o museu.

Analisando os documentos históricos a que tivemos acesso, parece que foi durante a década de 1980 o período de maior produção e também reconhecimento do trabalho de Batista. Várias foram as exposições individuais e coletivas de que participou. Chegou a ter certo reconhecimento na Paraíba e em várias ocasiões foi mostrado em reportagens de jornais escritos.

Em 1981, o jornalista Welington Marques e o renomado fotógrafo Roberto Coura visitaram Batista na Rua da Pedreira. Na ocasião das fotos, além de ter sido imortalizado trabalhando dentro de casa, Batista também foi flagrado defronte sua residência, sentado na entrada, ao lado de um dos seus filhos, com outro filho olhando pela janela...



IMAGEM 01 – Em frente a sua casa na Pedreira do Catolé

Por trás dessa fotografia com vista frontal da casa de Batista em 1981, encontramos alguns rabiscos da época com o endereço "rua Santa Luzia, 101, bairro Estação Velha". Percebemos logo que a casa retratada na foto é de numero 30, diferente do endereço apontado nos rabiscos no verso. Ficamos com essa dúvida. Coletamos informações com familiares e tivemos a informação que a casa retratada ficava na "Pedreira do Catolé" (bairro do Catolé, Campina Grande). Soubemos também que o endereço que encontramos se refere a casa onde Batista morava antes de ir para essa "nova".

Nessa época casado com Severina Rodrigues dos Santos, tinham três filhos: Evanize, Evaldo e Ispedito.

Localizamos algumas fotografias publicadas em jornais (conforme referências ao final da monografia) que focaram a “Pedreira do Catolé”, exatamente em 1981, época em que nosso personagem por aí morava. Desses jornais pudemos extrair algumas fotografias, três das quais fizemos questão de apresentar a seguir.



IMAGEM 02 - Pedreira do Catolé, 1981 (Campina Grande/PB)

Tomamos ciência da precariedade das condições de vida no local. A "Pedreira" já começava a ser considerada uma favela, sem rede de esgotos, sistema de drenagem das águas pluviais, calçamento inadequado, limpeza pública quase inexistente, entre outros problemas que demonstravam ser um espaço longe de ter os requisitos básicos para uma boa moradia nas cidades.



IMAGEM 03 (ESQUERDA) - Detalhe da Pedreira do Catolé, 1981

IMAGEM 04 (DIREITA) - Moto atolada por conta dos alagamentos na Pedreira do Catolé, mesmo ano

Nos jornais que trataram sobre o assunto, um dos pontos mais destacados são as enchentes que ocorriam com frequência na área, desestruturada para receber e drenar águas da chuva. Os alagamentos eram uma realidade, assim como todos os prejuízos, riscos e transtornos decorrentes.

Esse era o cenário onde morava nosso personagem durante, pelo menos, o ano de 1981.

Quantas vezes Batista deve ter tido o trabalho de retirar a água que invadiu sua casa?

Quantas vezes Batista e sua família tiveram que se molhar, literalmente, "enfiando o pé na lama", para poderem chegar em casa?

Nesse contexto de penúria social e econômica, com forte pressão psicológica, Batista trabalhava e produzia peças de arte inigualáveis. Algumas de suas obras, surgidas nesse contexto, chegaram até os tempos atuais através de imagens. Abaixo nosso personagem trabalha dentro de sua casa, envolto na arte e em si mesmo, "isolado" do mundo exterior que o cercava.



IMAGEM 05 - *Esculpindo em casa (1981)*

Todas as imagens que vimos até aqui nesse texto são retratos de um mesmo contexto. Retalhos de inúmeras histórias cruzadas. Retalhos de histórias vividas no mesmo espaço e tempo.

Para compreendermos melhor nosso personagem, achamos por bem enveredar pela crítica artística e analisar mais profundamente suas obras.

Tanto na pintura quanto na escultura, é impossível determinar em qual estilo se insere as obras de Batista.

Em reportagem publicada no Diário da Borborema de 09 de janeiro de 1983, quando questionado sobre sua arte, responde:

(...) Sua linha de trabalho pende para o ‘clássico’ ou para o ‘modernismo’?

JB – Pende para o ‘clássico’, para o ‘moderno’, ‘surrealismo’, ‘realista’, acadêmico. São essas as técnicas que emprego nos meus trabalhos.

Hoje Batista continua com a mesma ideia, pois fizemos a mesma pergunta, questionando sobre o tipo ou classificação de sua arte. A resposta foi que não tem como fazer definições.

Seja no trabalho mais recente, seja em seus trabalhos anteriores que tivemos possibilidade de ver pessoalmente ou através de imagens, não podemos classificar a obra de Batista. Mas acreditamos que podemos citar alguns pensamentos que tivemos.

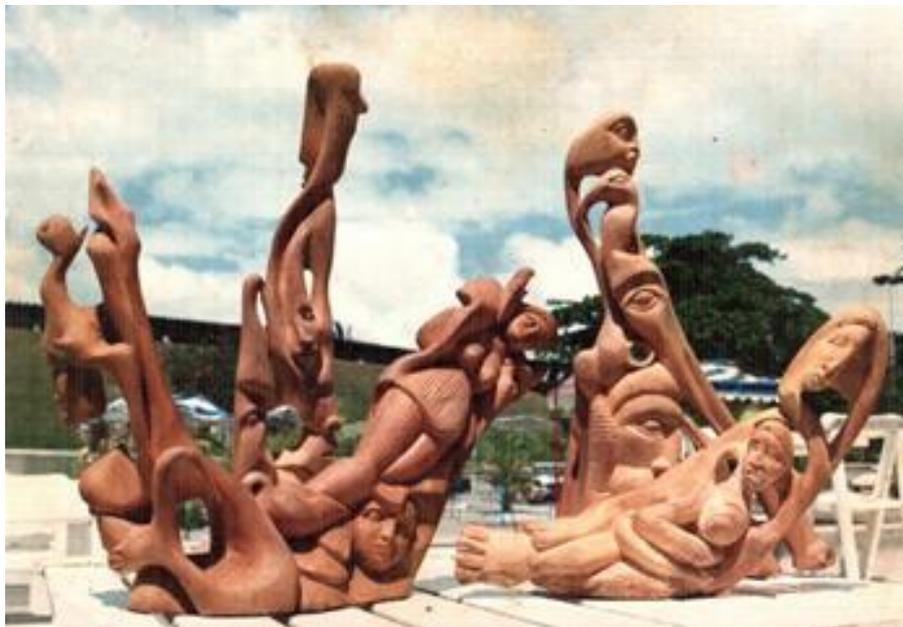


IMAGEM 06 - Esculturas expostas ao lado do Hotel Tambaú em João Pessoa (segundo Batista, em finais da década de 80)

Certos trabalhos nos fazem lembrar algumas cenas que assistimos em filmes surrealistas. Alguns trechos em específico das obras talvez nos remetam ao surrealismo.

Um surrealismo totêmico, com cabeças e corpos uns acima dos outros, uns saindo dos outros. O que começa ave, termina gente. O que era um olho surreal termina como uma garça ou outra figura animal e vegetal encontrada nas paragens por onde vive Batista. Cabeças sobre cabeças, faces sobre faces. Profetas surgindo de todos os cantos.

Esse mesmo emaranhado de figuras, umas dando formas as outras e todas contribuindo para a harmonia dialética que a obra consegue ter ao final, também nos lembram alguns quadros de Portinari ou Picasso. Nas obras de Batista, ao lado de corpos nítidos, completos e muito bem trabalhados e detalhados, vemos partes de corpos, dedos, olhos, como que estilhaçados por uma grande explosão, todos se misturando na cena.

Figuras como tatus e onças vez por outra estão presentes em suas obras. Personagens históricos como cangaceiros aparecem nas cenas esculpidas. O próprio Batista afirma que suas influências maiores são as figuras e o imaginário coletivo do sertão. Figuras e imagens de fato existentes, mas definidoras do "sertão" a partir de um processo de construção histórica.



IMAGEM 07 - Em trabalho de criação (2010)

Referindo-se a uma escultura de José Batista e Sebastião Matias que iria ser inaugurada no Centro Turístico de Tambaú, em João Pessoa (até hoje a escultura fica exposta lá) um jornal que encontramos entre os arquivos pessoais do escultor (mas que não

conseguimos identificar qual era o jornal ou mesmo em que data foi publicado) define o estilo da obra como "arte naif":

O termo ARTE NAIF em uma livre tradução seria "arte ingênua". É normalmente associada ao estilo de artistas que não possuem formação acadêmica ou sistemática. Não se enquadra no estilo acadêmico, nem na arte moderna ou popular. Seria a arte da espontaneidade, da criatividade autêntica, do fazer artístico sem escola e nem orientação. É a expressão do universo particular do artista.

Muitos artistas de base acadêmica, nos dias de hoje, preferem ser considerados *naif*, justamente pela liberdade e espontaneidade de traços e ideias.

Para garantir a sobrevivência, além de artista exerceu a atividade de pedreiro. Nunca deixou de pintar e esculpir, apesar das dificuldades financeiras que foi encontrando ao longo dos anos.

Com o passar do tempo, Batista foi perdendo a relativa visibilidade que conquistou.

### 3.2. Benedito, mestre do Rojão

João Benedito Marques, nascido no sítio Juá, distrito de Catolé de Boa Vista (hoje pertencente a Campina Grande/PB), no ano de 1938, ficou mais conhecido por “Benedito do Rojão” por sua maestria na arte de tocar e cantar variados ritmos musicais, entre eles um derivado do forró que se chama “rojão”.



IMAGEM 08 - terceiro CD

Nossa história começa nas proximidades da fronteira entre Paraíba e Pernambuco, mais precisamente em Goiânia/PE, nas primeiras décadas do século XX.

Nessa época e local viveu Benedito Eleotério, que futuramente viria a ser pai do nosso personagem. Vaqueiro e carreiro (aquele que lida com os carros de boi para diversas funções entre elas transporte, comércio e atividades no campo em geral), ele deve ter feito muitas viagens, conhecendo cidades e variadas zonas rurais.

Segundo as memórias familiares, os pais de Benedito Eleotério, em Pernambuco, cantavam coco e possivelmente através de seus pais teve os primeiros contatos com as danças e músicas.

O coco já era então um bem familiar passado de geração em geração. A memória coletiva dessa família remete até pelo menos duas gerações anteriores a de Benedito do Rojão. Porém, essa tradição certamente vem de muito mais para trás da história.

Em Goiânia e em praticamente toda a região da zona da mata norte pernambucana, das primeiras décadas do século XX, não só o coco mas também a ciranda, o reizado, o cavalo marinho, entre outras manifestações culturais, eram elementos importantes e bastante presentes.

Benedito Eleotério era um viajante, um aventureiro. Em busca de trabalho e emprego deve ter conhecido bem a zona da mata de Pernambuco e também o estado da Paraíba.

Em uma de suas viagens começou a trabalhar em uma fazenda próxima ao então distrito de Alagoinha, vizinho à cidade de Alagoa Grande/PB. Para esse local se mudou, possivelmente ainda na década de 1920. Ele tinha por volta de seus 18 para 20 anos. Pelo menos nos primeiros anos de sua estadia na Paraíba, Benedito Eleotério tomou conta e morou na fazenda Sapé.

Por sua vez, sabemos que Regina Maria da Conceição, futura mãe de Benedito do Rojão, aproximou-se de Benedito Eleotério entre as décadas 1920 e 1930. A jovem era originária de Alagoinha, próximo a Alagoa Grande.

Vivendo em região com forte presença de ritmos musicais como o coco, Regina Maria possivelmente teve algum contato com esses elementos culturais ainda bem cedo na vida.

Para citarmos um exemplo, por essas épocas vivia em Alagoa Grande Flora Mourão, grande tocadora e cantadora de coco e outros ritmos. Andarilha das festas urbanas e principalmente rurais, animando os viventes e repassando conhecimentos para seu filho que ainda criança acompanhava a mãe; era o futuro Jackson do Pandeiro (os dois saíram de Alagoa Grande com destino para Campina Grande em 1930). E não eram só eles que nessa época viviam em Alagoa Grande.

Por essa região muito se praticava a “brincadeira de coco-de-roda”, como era conhecido o ritual envolvendo música e dança ao ritmo do coco. Na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, passados relativamente poucas décadas do fim da escravidão no Brasil, brincar de coco-de-roda e ciranda em tranquilidade deveria ser algo muito apreciado pela comunidade.

Benedito Eleotério se uniu com Regina Maria. Enquanto “*mãe fazia queijo, pai tomava conta da fazenda*”, como fala Benedito do Rojão. Também nos conta que sua mãe aprendeu a tocar e cantar coco com seu pai.

Além de Regina, outros membros da família também aprenderam o coco. Tios e primos participavam da roda-de-coco organizada por Benedito, o pai, que era o mestre, tocando e puxando refrões que eram logo seguidos pelos demais. Parece certo que até mesmo o pai e a mãe de Regina, avós, portanto, de Benedito do Rojão, ainda chegaram a participar. Dela,

participavam não só familiares, mas também muitos amigos e vizinhos acompanhavam a “brincadeira”.

Já nos anos 1930, praticamente toda a família deixa Alagoa Grande e muda-se para zona rural de Campina Grande, mais precisamente para o distrito de Catolé de Boa Vista, no sítio/fazenda Juá. Nesse sítio, Benedito Eleotério também foi carreiro e vaqueiro.

Desde que chegaram ao novo local, pais, tios e primos de Benedito do Rojão (que ainda não havia nascido) repetiram a prática e organizaram o coco-de-roda.

Na base dos instrumentos zabumba, triângulo, caixa, ganzá e caracaxá, o *coco* varava a madrugada e muita gente de toda a região de Catolé de Boa Vista ia participar da brincadeira, até porque na época, nesse local, não havia muitas opções de lazer.

Em Alagoa Grande, aquela roda-de-coco ainda contava com um pifeiro, mas este não veio morar em Catolé de Boa Vista. Dos instrumentos, pelo menos a zabumba e a caixa eram produzidos por Benedito Eleotério.

Segundo Benedito do Rojão e de acordo com conversas que escutou em casa e na vizinhança durante sua infância e juventude, sua família teria trazido pela primeira vez o coco para a zona rural de Campina Grande.

Nascido no seio de uma família parca em recursos financeiros e em posses materiais, Benedito, o filho, desde cedo teve contato com vários estilos de música e dança. Cresceu em meio a rimas, ritmos e passos. Via todos praticarem (ou brincarem, como era mais popular na época) o coco. Confessa que quando nasceu, “*esse coco já vinha rolando a muito tempo*”. Com menos de dez anos de idade já dançava; possivelmente, fazia isso mesmo antes dessa idade. Acreditamos que em várias ocasiões, ainda bebê nos braços dos seus pais, pôde ter estado dentro das rodas-de-coco.

Dessas épocas lembra também de músicas que seu pai cantava. Aliás, percebemos que algumas músicas que compôs e depois gravou tem alguma relação com seus tempos de infância, ou seja, foram baseadas em suas lembranças.

Essas lembranças dos anos de menino e rapazote (década de 1940), eternizadas em documentos históricos (letra da música, gravações em áudio), nos ajudam a montar e recontar certos contextos.

Assim é com a música “*Carro de Boi*” que une suas lembranças do pai, juntamente com a lembrança de uma visão comum na época, em sua terra, o transporte do algodão em carros de boi. Nessa música, ele rememora dois tempos. Primeiro, o tempo em que o carro de boi era utilizado largamente, ao ponto de fazer parte da sensibilidade do local (não só a visão desses carros devia ser bastante comum, deixando seus rastros no chão e na paisagem, mas também

possuíam sonoridade própria que suas rodas e outras partes produziam ao se deslocar). Segundo, o tempo do desuso dos carros de boi, o tempo em que eles passaram a ficar “*num canto parado*”. Possivelmente, Benedito foi testemunha ocular do processo de desuso dos carros de boi, pelo menos para o transporte do algodão.

Depois de um tempo, a família se muda do sítio Juá para a sede do distrito de Catolé de Boa Vista; menos o pai, pois este já havia falecido.

Nesse local Benedito do Rojão passou a conhecer novas pessoas, passou a adquirir novos conhecimentos.

No sítio Juá nunca tinha entrado em sala de aula, mas agora no pequeno aglomerado urbano passou a frequentar aulas em uma modesta escola.

Tempos depois, um sanfoneiro de oito baixos chamado Severino Biró teria saído de Campina Grande e ido até Catolé de Boa Vista tocar um forró no sítio.

Benedito foi nesse forró e escutou Severino Biró tocar. Em um dos intervalos da festa, quando os tocadores paravam para descansar, dar uma voltinha e molhar a garganta, pegou no pandeiro e começou a tocar um pouco. Retornando, Biró viu a cena e logo se interessou pela destreza do menino.

Foi dessa forma que, ainda por volta dos 13 anos de idade, começou sua carreira artística. A partir daí, Benedito começou a viajar e tocar em festas.

O primeiro instrumento que tocou regularmente foi uma espécie de chocalho chamado caracaxá. Depois veio o melê, um instrumento de percussão. Só mais futuramente é que assumiria o posto de pandeirista.

Foi tocando que Benedito conheceu o mundo para além de Catolé de Boa Vista. Viajou bastante para animar casamentos, forrós nos sítios e outros tipos de festa.

Muitas vezes faziam essas viagens a pé. Muitas vezes tiveram que sair no dia anterior da festa, andar longas horas até chegar ao local, dormiam por lá para poder tocar no outro dia.

Quando a festa era em cidade mais distante, andavam horas até alguma estrada de maior movimentação e aí esperavam uma carona, normalmente dada por caminhoneiros. Um dos locais para onde iam com regularidade pegar carona era onde hoje se situa a atual “*Praça do Meio do Mundo*”, no entroncamento da BR 230 com a BR 412, entre os municípios de Pocinhos e Boa Vista (Paraíba). A área onde se situa essa praça, na época de Benedito, era conhecida como Farinha, “*sítio da Farinha*”.

Andou por “*todo canto*”, tocando em casamento, aniversário, “*forró sem ser casamento*”, batizado, em período do São João, Carnaval. Tocou em Boa Vista de Santa Rosa, Queimadas, Soledade, Cubati, para os lados do Seridó e Cariri e muitos outros locais.

Essas andanças também incluíam como destino Campina Grande. Conheceu e passou a ir frequentemente para essa cidade, onde mais tarde foi morar em definitivo, em meados da década de 50.

Nessa época lembra que começou a escutar rádio: *“Eu, eu num... eu morava numa região que ninguém escutava rádio não. Nem rádio e nem sanfoneiro, nem nada. Ninguém escutava nada disso. Quando eu passei a viajar pelo mundo com o sanfoneiro foi que aí fui descobrindo e ouvindo música.”* (B. do R., 15-abril-2011)

Durante uma de suas passagens por Campina, Benedito teria conhecido Jackson do Pandeiro. A ocasião em que se conheceram é lembrada por Benedito:

A primeira vez que eu conheci Jackson eu, eu toquei, era num dia de sábado, isso já foi em cinquenta... em cinquenta... 54. 54 eu comecei a conhecer ele. Eu toquei mais um cara e vim de lá da região que eu toquei... (...) São Vicente do Seridó. Seridó. Ai vim, quando eu cheguei aqui em Campina, ai eu fui na feira. Que eu não sabia direito nem onde era a feita. Ai o cara me levou. Quando eu cheguei lá era um lugar que tinha muito forró rapaz. De dia. Dia de sábado. Tinha forró, tinha uns cinco forró de lá. Ai ele, e eu não conhecia ele não. Ai quando eu entrei no forró, ai chegou aquele moreninho, baixinho, cum pandeiro. Ai batendo pandeiro e eu olhando. Ai eu fiquei olhando. Passei um bocado de tempo ele to... eu não toquei nada que eu tocava mais esse caba mas eu não toquei nesse dia. E ele tocando ai depois saiu. Eu fiquei pelo forró olhando. Ai fui me imbora, voltei pra casa que era ali na Liberdade. Ai cum, quando eu vim ver ele outra vez foi com bem um mês e quinze dia ou mais. Que eu só vivia tocando no Siridó né. Ai com bem um mês e quinze dias ou não sei quanto, ai foi que eu fui de novo, outra vez, lá na Rua Manoel Pereira de Araújo, na feira. Ai encontrei com ele de novo que ele só vivia ali mesmo. Ele só vivia... Ele morava pertinho, ali em Zé Pinheiro e ele só vivia lá que lá tinha muito negócio de tocar, tinha forró de dia, tinha bem uns cinco canto de tocar, pra o povo tocar, pra as mulher dançando, de dia, era muita gente na feira. Ai eu comecei, ai dessa vez eu peguei no pandeiro e ele me chamou: “ei, vamo tomar um negocinho ali” Eu digo: “bora”. Ai ele só vivia bebendo, ele gostava... O lema dele era beber.

(...) Ele num gravava nada. Nesse tempo ele não gravava nada. Nesse tempo ele só fazia beber cana e bater pandeiro, ele. E eu também. (B. do R., 15-abril-2011)

Nessa entrevista, Benedito nos contou como conheceu Jackson do Pandeiro. Em outras ocasiões os dois voltaram a ter contato novamente.

Aproveitando o ensejo e por contingência de tempo, vamos dar um salto cronológico e deixar de narrar passagens bastante interessantes (Benedito e a rádio, morando em Campina Grande, casamentos, Televisão, etc), e vamos nos concentrar em algumas polêmicas que envolvem sua vida e obra.

Muitas são as pessoas que não acreditam que Benedito tenha composto músicas que posteriormente foram gravadas por Jackson do Pandeiro. Alguns nem sequer acreditam que Benedito tenha conhecido Jackson.

No livro “Jackson do Pandeiro – o rei do ritmo”, trabalho de pesquisa mais abrangente já feito sobre Jackson, não encontramos nenhuma referência a Benedito; em nenhuma música registrada por Jackson consta o nome de Benedito.

Entretanto, descobrimos nesse livro que existe um debate sobre as composições de Jackson do Pandeiro: músicas que estão no seu nome na verdade podem ter sido escritas por outras pessoas e também algumas músicas que foram registradas com o nome da sua esposa, Almira Castilho, igualmente podem ter outros autores.

Polêmica a parte, o que nos interessa saber dessa questão é que era possível Jackson ter gravado músicas de Benedito e não lhe ter dado crédito. E, segundo Benedito, foi o que ocorreu.

Jackson, nascido em 1919, era 19 anos mais velho do que Benedito, nascido em 1938. Diferença até que razoável dentro do período de uma vida.

Sobre essa diferença de quase duas décadas entre o nascimento de um e do outro, a grande questão é que Benedito afirma que saiu pela primeira vez da sede do distrito de Catolé de Boa Vista quando tinha por volta dos seus 13 anos de idade, ou seja, mais ou menos no ano de 1951. Em Campina Grande, Benedito conta que só veio depois de um tempo, uns dois anos após o início de suas primeiras andanças, ou seja, mais ou menos por volta de 1953-1954.

Por sua vez, José Gomes Filho (o Jackson) chegou em Campina em 1930 e deixou a cidade em 1948. Nesse ano foi para João Pessoa, ficando lá para posteriormente ir morar em Recife.

A questão aqui sobre essa relação entre os dois personagens é que, quando Benedito sai pela primeira vez de Catolé de Boa Vista, Jackson já morava em João Pessoa ou talvez mesmo em Recife.

Não podemos afirmar que Benedito está equivocado ou muito menos mentindo. Ele pode simplesmente estar construindo uma narrativa segundo sua visão particular, envolvendo e misturando tempos diversos numa mesma linha de acontecimentos. A memória é, por assim dizer, bastante imprecisa.

Mas a questão central que envolve esses dois personagens é que por volta de 62 Jackson do Pandeiro foi fazer uma apresentação em Campina Grande e ficou hospedado no Grande Hotel, no apartamento 22. Nessa época, Jackson já tinha despontado no cenário nacional da

música. Conta Benedito que por acaso os dois se encontraram e foram até a Feira Central comer, beber e festejar.

Jackson chegou uma vez pra fazer um show aqui, uma época junina. (...) Ai foi que eu fiz uma letra “Santo Antônio”. Essa letra aí já foi muito pra cá. “Santo Antônio”. (...) Ele me deu trinta conto, reais, cruzeiro. (...) Eu fiz a letra e amostrei a ele. Eu digo: “(?) eu tenho a letra aqui, eu queria que tu me comprasse”. Ai ele disse: “Rapaz, eu na compro letra não, eu não compro música não. Eu gravo música de alguém quando e coisa e tal. Mas eu não gravo, não compro letra não”. “Mas me ajude que hoje você tá na boa, melhor do que eu, me ajude”. Ele me disse: “Como é a letra?” Ai eu, eu já tava com ela escrita, um papelzinho escrito já em empresa mesmo. Ele olhou ai eu disse: **[inicia a cantar]** Se Deus... como é? “Santo Antônio casa / São João batiza / Pra entrar no céu / São Pedro é que autoriza” Ai quando ele viu a letra todinha disse: “Mas rapaz, é boinha”. (...) Ai ele me deu os trinta cruzeiros e levou a letra, quando chegou lá butou no dele. Não butou como minha não que... os direitos autorais... Eu nem liguei. Eu queria era pegar no dinheiro, eu sabia... Mas fez sucesso. (B. do R., 15-abr-2011) (**grifo nosso**)

Pesquisando a discografia de Jackson não encontramos nenhuma música assinada por Benedito. Também não encontramos nenhuma música intitulada “Santo Antônio”. Entretanto, encontramos a música “Três Pedidos” que fala dos três “santos”: Antônio, João e Pedro. Essa música tem letra e sentido similar a que Benedito afirma ter escrito.

Pelo cruzamento dos contextos de Benedito e Jackson dessa época, acreditamos que é possível que esse encontro entre os dois tenha ocorrido. Também nada anormal seria se Benedito tivesse escrito a letra de uma música e depois vendido para Jackson conforme narra. Mas de toda forma esse fato igualmente merece investigações mais aprofundadas.

Muitas histórias estavam sendo vivenciadas por Benedito. Não conseguiremos e nem pretendemos colocar todos esses momentos dentro de um padrão exato de cronologia. Narrando uma história de vida, a cronologia não é precisa. Os acontecimentos seguem em seu sentido próprio...

Antes dessa passagem que narramos, já havia ocorrido fato similar: uma das mais famosas músicas de Rossil Cavalcanti (letra) que se chama “Forró na Gafieira” teria sido feita por Benedito. Deixamos a explicação com ele mesmo:

Rossil foi quem gravou e a música ficou, Rossil tumou conta da música, gravou como dele... que a letra dele. (...) Era “Forró na Gafieira”. **[inicia a cantar]** “Fui ver em uma gafieira / Que fica em Jacarepaguá / Gostei daquela brincadeira e a semana inteira eu fiquei por lá / Um moreno disse “venha cá, entre na dança que a casa é minha” / Pegou logo uma escurinha

*e dançou bafo de coco que foi um juá.” Isso aí a letra é minha. Mas Rossil viu, aí disse: “rapaz eu vou... que música bonita... boinha João...” E eu tocava no conjunto dele. “Ah. Essa música é boinha, me dá pra eu ajeitar ela e coisa e tal e vou mandar gravar”. Mas ele mandou gravar como que a letra fosse dele. Eu quando eu vi a letra, achei bonita eu digo: “ohh, beleza, a minha letra”. Mas a... eu fiquei contente mas não tinha vantagem que ele botou pra ele. Eu tocava no conjunto dele, nem eu fui atrás e nada. E a música eu não posso dizer que é minha mais (...)*

A narrativa sobre todas as experiências que vimos até agora foi extensa e muitas vezes detalhista. Vários fatos foram lembrados e contados por Benedito que não media quantidade de frases para narrar sua vida nesses tempos, especialmente durante o período em que cantou na rádio. Mas em se tratando do período posterior a sua aparição na televisão (em 1966 teria se apresentado uma única vez na inauguração da televisão CANAL 9, em Campina Grande), muito pouco conseguimos ouvir dele. Sobre esse período que inicia depois de 66 e vai até os anos 2000 (quando retoma com todo vigor sua carreira artística) sentimos que pouco quis falar; apesar de ter histórias para contar.

Mesmo continuando tocando repente na viola (ficou na viola até os anos dois mil), quando se refere a esse tempo muitas vezes fala como tendo se afastado dos palcos. Mas nas entrevistas confessou que na verdade nunca se separou da música.

Não só não se afastou do universo musical, como escreveu algumas músicas que deixou guardadas pois não tinha grupo para tocar e também não tinha como gravar. *“Tem umas que eu nem me lembro mais”*. (B. do R., 02-jun-2011)

Produzia algumas músicas bastante interessantes, algumas inclusive sendo gravadas por outros intérpretes. Uma prova do certo reconhecimento e conhecimento que Benedito ainda (ou já) tinha, foi o fato de Pinduca ter gravado duas músicas suas, em finais de 1990:

“Campina Grande” e “Se Deus quiser”. Nesse caso, conforme constatamos na discografia oficial de Pinduca, ambas as músicas são atribuídas a Benedito do Rojão.

Continuou sendo conhecido e desconhecido por muitos, até que no novo milênio foi redescoberto e gravou vários CDs, iniciando uma nova fase, com sucesso mais consistente e duradouro.

### 3.3. As mortes de João Roberto

Com todo cuidado e respeito adentramos na última parte desta monografia...

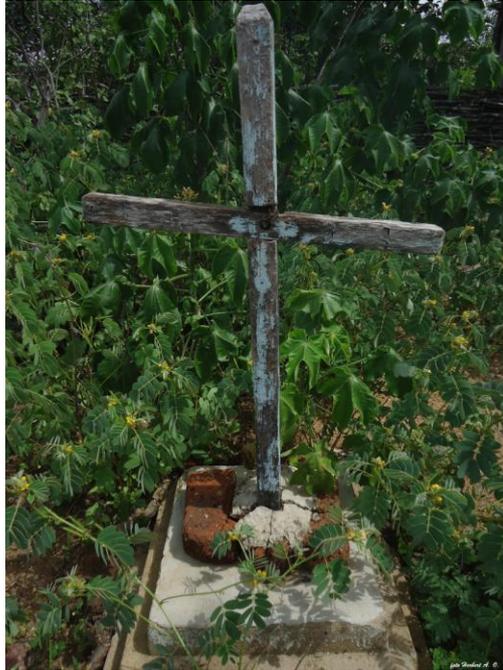


IMAGEM 09 - Cruz em sua homenagem (Açude Olho D'água, Catolé do Rocha/PB, 2013)

João Roberto Borges de Souza nasceu em João Pessoa/PB, em 14 de outubro de 1946, filho de Eulina Borges de Souza e Francisco Xavier Borges de Souza.

Quando a ditadura militar se implantou no Brasil (1964) ainda não havia completado os 18 anos de idade. Mesmo com a repressão do governo ditatorial, acabou se tornando uma forte liderança no movimento estudantil. Na Universidade Federal da Paraíba presidiu o Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina e chegou a ser vice-presidente da União Estadual dos Estudantes da Paraíba.

Em épocas tortuosas, a ida para Ibiúna/SP, em 1968, como consequência da militância política, certamente mudou sua vida...

Eram 7h30 da manhã de ontem. Garoa fina e frio intenso. Duzentos e quinze policiais — Força Pública e DOPS — vasculham as matas da serra de São Sebastião à procura dos estudantes participantes do XXX Congresso Nacional da UNE. Uma denuncia os leva até o município de Ibiuna. Numa elevação de terreno, os comandados do cel. Divo Barsotti, do 7.º BP de Sorocaba, divisam o acampamento dos estudantes.

A ordem de certo parte rápida. Os soldados procuram posição. Outra ordem é dada e rajadas de metralhadoras são disparadas para o ar. Há princípio de correria entre os estudantes e a fuzilaria aumenta, sempre para o ar. Depois, o silêncio. Os estudantes rendem-se, mas alguns conseguem fugir em direção

à mata virgem. A tropa os cerca, e os policiais do DOPS passam a procurar os líderes. (...) Segundo a policia, cerca de mil prisões são feitas, mas o numero preciso só poderia ser determinado mais tarde. Estava assim encerrado, no inicio, o anunciado 30º congresso da UNE. (Folha de S.Paulo, 13.10.1968)

Presos na véspera do aniversário de 22 anos de João Roberto, foram fotografados e fichados pelos órgãos da repressão. Liberados pelo DOPS em São Paulo, acabam voltando para a Paraíba, onde continuam com a militância política.

Lembramos que no final de 1968 entra em vigor o AI-5.

Nesse contexto ainda mais repressor, os estudantes perdem seus direitos através do decreto 477/69 (editado em 26 de fevereiro de 1969) que levou, por assim dizer, o AI-5 para dentro das universidades. Assim, foram proibidos de continuarem seus estudos por alguns anos.

João Roberto foi detido então pela segunda vez no 1º Grupamento de Engenharia da Construção do Exército, em João Pessoa.

Em entrevista para o Jornal do Comércio “*a advogada dos mil processos*”, Mércia Albuquerque, nos traz informações sobre fatos ocorridos no primeiro semestre de 1969:

Presos na porta da fábrica de Paulista, João Roberto Borges de Souza (5º ano de Medicina), Maria do Socorro Morais Cardoso, Maria Lívia Alves Coelho e uma terceira não identificada. Chegando no DOPS, João Roberto afirmou ser de Cabedelo-PB, filho de meretriz e criado em rendez-vous daquela cidade e teria ido à fábrica procurar um amigo. Uma das moças alegava ter sido infelicitada há três dias e que ali estava procurando o autor do fato. A outra se dizia mulher de vida fácil. E a terceira dizia que estava procurando emprego. O Dr. Moacir Sales, não conseguindo apurar nada de positivo, determinou a liberação das moças. Horas após a liberação das moças, através da Polícia Federal, Moacir Sales é informado de atividades da Ação Popular e que as moças que acabavam de ser liberadas eram integrantes da AP. João Roberto foi reinquirido “**paulatinamente**” e informou que o aparelho funcionava na Rua Alto Benjamim, 97 – Fundão. Lá foram presas, Rosa Maria de Araújo Melo e Ana Rita de Castro Almeida. Descobriu-se que João Roberto era um dos componentes da Delegação da AP ao congresso ilegal da UNE, em Ibiúna. Rosa Maria era esposa de Geraldo Magela, também denunciado. Surge o nome de Simeão Almeida Neto que havia participado do congresso da UNE. No aparelho, foi apreendido uma arma calibre 45, cuja posse foi atribuída ao mineiro João Batista Drumond (economista). Ana Rita era esposa de Simeão Almeida. Saiu da delegacia para a maternidade. Deu à luz uma criança 15 dias após a prisão. As três meninas liberadas sumiram. Moacir nunca conseguiu prendê-las (...) (Jornal do Comércio, Recife/PE, 13.02.89) (grifo nosso)

Algumas dessas informações coincidem com outros dados que obtivemos no site oficial da hoje deputada federal Jô Moraes. Na biografia de Maria do Socorro aí publicada, vemos que ela foi presa na portaria de uma fábrica têxtil em Pernambuco, em 1969, enquanto distribuía panfletos contra o AI-5. Depois de presa, apresentou nome falso e ficou detida por uma semana e depois liberada; posteriormente, a sua identidade foi descoberta e ela condenada à revelia pela justiça militar.

Enquanto isso, o livro “Direito a Memória e a Verdade” afirma que João Roberto permaneceu detido no DOPS em Recife por três meses (no primeiro semestre de 1969). Durante esse tempo sofreu torturas!

Encontramos no depoimento da advogada Mércia Albuquerque (reproduzido anteriormente) a afirmação, com nosso destaque, de que “(...) João Roberto foi reinquirido “paulatinamente” e informou que o aparelho funcionava na Rua Alto Benjamim, 97 – Fundão” e que a partir daí a casa onde abrigava seus companheiros foi ocupada e algumas pessoas presas.

Em recente depoimento para a Comissão Estadual da Verdade e Preservação da Memória da Paraíba, Rita Almeida (uma das pessoas que foram presas pelos militares) afirmou que de fato João Roberto informou o local, porém acreditando que não haveria mais ninguém, pois de acordo com as medidas de segurança adotadas caso alguém demorasse para chegar todos tinham que abandonar a casa. Não seguiram essa medida, voltaram para a casa e se depararam com a repressão. Rita afirmou que quando João Roberto a viu presa (ela grávida) ele praticamente “murchou”, se abatendo totalmente e mudando drasticamente a fisionomia.

Depois de liberado em Recife, nosso personagem volta para João Pessoa.

Segundo consta no livro “Direito a Memória e a Verdade”, no segundo semestre de 1969, mais exatamente em 07 de outubro, vizinhos e familiares afirmam terem testemunhado a prisão de João Roberto quando saía de casa, possivelmente realizada por membros do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e do CENIMAR (Centro de Informações da Marinha). A família procurou as autoridades do estado, mas não conseguiram informações.

Quatro dias antes de completar 23 anos, exatamente 01 ano depois de ter sido preso pela primeira vez em Ibiúna/SP, em 10 de outubro de 1969 foi noticiada a sua morte

(...) segundo a versão oficial, “em consequência de afogamento no açude Olho D’Água”, no município de Catolé do Rocha, sertão da Paraíba. Após a divulgação dessa notícia, sua família empreendeu verdadeira luta com os agentes policiais para poder enterrá-lo. As autoridades chegaram a informar

que ele já havia sido enterrado. A família conseguiu, por fim, ter acesso ao corpo e constatou que ele estava desfigurado por inúmeros ferimentos - hematomas, queimaduras por cigarros e unhas perfuradas. Além, disso, João Roberto, filho de família de Cabedelo, cidade portuária, foi criado na beira da praia e sabia nadar muito bem. (Direito a Memória e a Verdade, 2007, p. 106)

É aqui que começa nosso envolvimento com os fatos narrados...

Em 2011 recebemos a informação da existência de uma cruz homenageando João Roberto no local de sua morte na zona rural de Catolé do Rocha e que até então nenhum pesquisador ou mesmo a família teria ido até lá. De Catolé do Rocha saímos no sentido de Patu/RN e percorremos de carro aproximadamente 18Km na PB 325. Na esquerda, entramos em uma estrada de terra e nela percorremos em torno de 6Km até chegarmos no distrito de Coronel Maia (antigamente, mais conhecido como Olho D'água). Aí fizemos as primeiras entrevistas e depois fomos caminhando até o açude, mais ou menos 1,5Km de trilha.

Percebemos que a região ainda hoje é bem isolada, ficando próxima da divisa entre Paraíba e Rio Grande do Norte.

Na cruz que observamos com bastante cuidado, encontramos as iniciais J.R.B.S (nome completo de João Roberto) e a data de 14.10.46 (data de nascimento). Segundo o que descobrimos, uma moradora local, em ato cristão, teria feito e fixado a cruz.



IMAGEM 10 - Açude Olho D'água (2013)

Nessa ocasião, entrevistamos três pessoas, além de Ubiratan Costa que fazia parte do nosso grupo de pesquisa: Francisco Aécio da Silva (70 anos), Alcides Fernandes (66 anos), Avani Fernandes (o gravador não registrou sua idade).

Depois de décadas, aparentemente fomos os primeiros a fazer esse procedimento investigativo: visitar o local de morte e/ou descoberta do corpo. Descobrimos então que os moradores locais entrevistados tem sua própria versão para os últimos dias de João Roberto em vida; versão que segue nos próximos parágrafos:

João Roberto teria chegado sozinho na comunidade de Olho D'água, ainda vivo, em aparente perfeito estado físico, e totalmente livre.

Foi para esse local inusitado e isolado, porque conhecia Bartolomeu (também chamado por Marinaldo ou Bartola) que também estudava em João Pessoa; hoje já falecido. Bartolomeu era filho de Reinaldo (falecido), na época dono das terras onde se situa o Açude Olho D'água.

Francisco Aécio da Silva, irmão de Bartolomeu, filho de Reinaldo e hoje proprietário das terras (nascido e criado nesse local), não estava em casa no dia do falecimento de João Roberto (só soube da notícia quando retornou de viagem, uns dois ou três dias depois), mas teria presenciado a chegada dele, conforme afirma em depoimento: *“(...) eu vi na noite que ele chegou. Ele chegou a boquinha da noite com a mala na mão, empalitozado, lord”* procurando por Bartolomeu.



IMAGEM 11 - Casa onde teria chegado e se hospedado (atual distrito de Coronel Maia, Catolé do Rocha/PB)

Aí ficou hospedado por alguns dias. Fez algumas vezes a trilha que liga essa casa ao açude de Olho D'água (mais conhecido localmente como Açude Grande, ou Açude de Seu

Reinaldo, ou ainda Açude Serrote do Pau). Nessas águas tomou várias vezes banho, observou a paisagem, deitou-se ao sol.

Alguns afirmam que nesse intervalo de tempo Bartolomeu chegou, conversou com João Roberto e depois foi para o Rio Grande do Norte se encontrar com uma namorada. Outros afirmam que Bartolomeu nunca chegou e isso gerou certa preocupação em João Roberto que afirmava que se seu amigo não chegasse ele teria que ir embora.

Nas horas que precederam sua morte passou um tempo, no açude, junto com uns pescadores que havia conhecido dias antes, entre eles os irmãos Avaní e Alcides Fernandes. Conversaram um pouco e comeram umas batatas quentes antes de irem embora.

João Roberto ficou, “acocorado”, vestindo apenas uma bermuda, na margem das águas. Do outro lado do açude ficaram algumas mulheres lavando roupa (elas eram moradoras de uma comunidade chamada Paraguai).

Outro morador local teria passado no açude depois que João Roberto ficou sozinho. Tirou a roupa e tomou um banho. Depois saiu deixando novamente o estudante contemplando em solidão as águas. Depois de um tempo as lavadeiras teriam visto João Roberto entrando na água e nadando no meio do açude. Continuaram com seus afazeres e quando deram conta não o viram mais. Observaram entretanto que seus poucos pertences ainda estavam em terra. Imaginaram a possibilidade dele ter se afogado.

Prontamente correram para a casa de Reinaldo para avisarem sobre o sumiço do rapaz. Sabendo então do fato, o dono da propriedade mandou chamar Avaní em casa (foi chamado porque era pescador e tinha costume em mergulhar no açude, talvez também Reinaldo soubesse que Avaní estava com João Roberto antes do possível afogamento).

Avaní havia chegado em casa fazia uma ou duas horas, quando chega o portador na notícia, chamando-o para ajudar nas buscas. Seu irmão, Alcides, já estava trabalhando nesse momento e só soube do acontecido horas depois. Avaní corre até o açude e chegando lá percebe que já havia muitas pessoas por lá.

(...) ele ficou lá no açude que ia tomar um banho, lá nos lajero. Eu perguntava ele: “seu João, João Roberto, sabe nadar?” Ele: “sei pouco, sei nadar pouco”. Ai bem! Ele desse jeito ficou lá, sozinho, lá nos lajero. Ai nós vinhemo pra casa. (...) Ai cum poucas horas que eu cheguei, chegou um portador: “seu Reinaldo mandou chamar que tudo indica que o rapaz morreu afogado”. Ai eu digo: “que conversa é essa!?!”. “Tudo indica que as roupas dele tão lá no lajero. (...) Ai nós fomos pra lá. Chegando lá já tinha muita gente, né. O açude até com muita água. (...) Já tinha muita gente lá no açude, uns dentro d’água, mergulhando mas só a toa né. Ai eu disse a ele: “menino, o meio que tem é nós vamos fazer como uma esteira, juntar um bocado, sair mergulhando aqui numa direção quando nós chegar lá no outro lado deve ter

algun resultado, né, que se ele foi nesse meio aí”. Ai quando saimo, assim saimo, fizemos assim né. Quando chegemo lá nas água rasa nada. “Agora vamos voltar de novo, notra região, notra direção de novo”. Aí nessa virada que nós demos com poucos mergulhos que eu dei topei nele, né. Topei nele, tava no chão, na lama, né. Ai eu pensava que afogado era muito pesado pra subir né. Ai quando eu topei nele eu subi e disse: “menino, traga a canoa que o rapaz tá aqui”. Ai eu pra num perder de rumo, que a gente dentro d’água desapruma né. Ai eu mergulhei de novo, aí peguei no braço dele aqui. Subiu bem, bem manerinho. Aquele negócio piano na cabeça dele, nos ouvidos nera. Aquele negócio piano que eu passei foi dia com aquele negócio nos meus ouvidos, aquele chiado direitinho né. (...) “Vamos pra Catolé avisar a polícia”. (...) Nesse tempo era o Tenente Nilton né, Tenente puxava pelo uma, a perna. Ele chegou. Ele examinou esse corpo. O açude tinha muita piaba. Onde tinha uma espinhazinha que a piaba beliscou ele ficava cavando assim, escavacando pra ver se era marca (...). Ai quando chegou lá em seu Reinaldo, entregaram a bagagem dele, a mala dele. Assim que ele pegou, mexeu, achou logo duas identidades. (...) Ai o tenente disse: “esse rapazinho vem meio desmantelado, com duas identidades” (...)

Segundo Avaní, que diz ter visto praticamente todo o corpo de João Roberto, ele não tinha nenhuma marca de ferimento, a não ser uns pequenos arranhões superficiais na pele, causados possivelmente pelas “piabas” que beliscaram o corpo, marcas essas que inclusive chamaram atenção do tenente; “a gente não aguentava ta dentro d’água parado que a piaba ficava beliscando (...) fazia sangue”.

Nessa versão da história, Avaní e Alcides Fernandes (talvez mais pessoas) foram os últimos que falaram com João Roberto, e as mulheres/lavadeiras foram as últimas que o viram com vida, juntamente com “Tatuzinho” que foi o morador que passou pelo açude pouco antes do estudante entrar na água.

Quando chegou a notícia no centro de Catolé do Rocha sobre a morte do estudante na zona rural, houve uma grande agitação, especialmente entre a juventude. Seu corpo foi levado para a cidade e ficou exposto publicamente.

O corpo foi então examinado por dois médicos que não chegaram a um consenso sobre a causa da morte: Dr. Sérgio Segundo Maia e Dr. Antônio Benjamim Filho. Um deles dizia que foi ataque do coração.

Avaní teve que prestar duas vezes depoimento à polícia. Acredita que tiraram fotos do corpo. No seu depoimento para nossa equipe de pesquisa ele acrescentou ainda que achava que alguém que morresse afogado ficaria com a barriga cheia de água, mas não foi o caso de João Roberto, pelo que percebeu.

De Catolé, a família levou o corpo para João Pessoa, mas nunca foram até o açude.

Importante sabermos sobre os últimos dias em vida de João Roberto, pois é um caso que muito tem a nos ensinar sobre todo um momento histórico em que viviam os brasileiros.



IMAGEM 12 - Última foto em vida (05-07-1969)

Certo é que seu corpo foi retirado do Açude Olho D'água em Catolé do Rocha/PB, para esse fato todas as fontes dão a mesma versão! Certo também é que a Ditadura Militar (o Estado Brasileiro) foi a causadora direta da morte do jovem pois, independente da *causa mortis*, foi a ditadura quem prendeu, torturou, perseguiu, pressionou violentamente João Roberto, levando-o a morte.

Mas o que podemos ficar imaginando é por que alguns moradores do atual distrito de Coronel Maia (onde se localiza o açude Olho D'água) afirmam terem convivido ou pelo menos se encontrado com o jovem por alguns dias, alguns inclusive afirmando que estavam com ele no derradeiro dia de sua vida? Se essa versão não for condizente com a verdade dos fatos, por que pessoas simples e tidas como honestas de Catolé do Rocha afirmam terem visto João Roberto vivo, em liberdade, gozando de aparente boa saúde, momentos antes de ter morrido “afogado”? Os moradores das proximidades do Açude Olho D'água seriam outras vítimas da ditadura militar, até hoje tendo que se assumirem como testemunhas de uma versão dada pelos órgãos da repressão? Ou serão testemunhas e narradores fidedignos da história?

## CONCLUSÕES

Sentimos a necessidade das comunidades locais afirmarem suas identidades, preservando memórias e construindo elas próprias suas histórias de vida.

Hoje, os indivíduos e grupos sociais estão sujeitos mais do que nunca a perda de seus elos com o passado, portanto de suas identidades. Na sociedade capitalista atual, constantemente estão sendo bloqueados os elos das camadas populares com a lembrança, com a memória coletiva que em outros tempos era passada oralmente pelas gerações e sustentada em base materiais mais rígidas.

Como fizemos ver no capítulo “entre memórias e histórias”, até mesmo a história acadêmica, pautada em paradigmas científicos, dita oficial, contribuiu sobremaneira para o esquecimento das memórias e possíveis histórias dos grupos marginalizados.

Entretanto, a própria ciência histórica hoje se abriu ao trabalho com uma gama bastante variada de fontes que servem para a construção de narrativas sobre o passado. Entre essas fontes estão entrevistas gravadas e transcritas; a materialização das lembranças dos sujeitos que deram depoimentos orais. Nesse sentido, nas décadas recentes, surgiram dezenas de teorias e trabalhos de pesquisa que demonstraram ser o estudo de trajetórias individuais de pessoas das classes populares um meio bastante eficiente para obtenção de conhecimentos sobre a sociedade e sua dinâmica própria de transformações.

Mas para que isso ocorra, não basta colocar os sujeitos das classes populares como objetos de pesquisa. É necessário realmente dar voz aos membros das classes sociais menos favorecidas social e economicamente. É necessário que seja feita uma história das classes populares; a história das classes populares vista a partir delas mesmas.

Para fazer uma ponte entre essa discussão e a reflexão sobre a educação em nosso país, especificamente as questões que envolvem o currículo, fizemos uma leitura dos “Parâmetros Curriculares Nacionais” e entre os objetivos do ensino fundamental observamos dois pontos que nos chamaram atenção: conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; e saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.

Nesse sentido, ao longo do capítulo “Construindo narrativas para sala de aula”, procuramos discutir e trazer à tona uma das maiores necessidades no que diz respeito a

educação: devemos estimular a construção de um tipo de educação articulada com a realidade local dos estudantes. Para alcançar esse fim devemos ter, justamente, uma educação voltada não para uma simples transmissão de conhecimentos, mas também para a própria produção de saberes.

Esse professor-pesquisador e a produção em sala de aula por ele estimulada, pode tornar-se uma forma de empoderamento para os alunos, professores e para as próprias instituições escolares. Não devemos simplesmente assimilar saberes “pré-fabricados”, desconectados das nossas contingências cotidianas. O aluno lida com as representações agenciadas no livro didático como verdades e não como produtos confeccionados numa rede complexa de poder e saber. Nesse sentido, faz-se necessário trazer a discussão da memória para a sala de aula a partir de histórias resgatadas pela oralidade e pelas várias modalidades de escrita.

Elementos da cultura e as práticas sociais das comunidades envolvidas com o ambiente escolar podem vir a ser bons objetos para o trabalho de pesquisa em sala de aula. Os alunos podem compreender os processos de produção e transmissão de conhecimentos, o que contribui para a formação de cidadãos críticos em relação as informações que chegam até eles. É possível também conectarmos essa realidade local com outros contextos, ampliando visões de mundo. Ao longo desse trabalho que envolve o estudo da localidade relacionado com a reflexão sobre o global, é possível incentivarmos a figura do aluno-autor.

Assim, talvez nosso maior objetivo seja o de desenvolver uma metodologia para fazer com que as aulas despertem maior interesse nos jovens pela pesquisa e narrativa de histórias da sua comunidade, como forma de valorizar a própria cidade. Tudo isso para tornar o estudo mais atrativo e prazeroso, pois sabemos que as aulas tradicionais de história não estão mais chamando muita atenção dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas – considerações teóricas, introdução e conclusão:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo/SP: Editora Ática, 1997.

GONÇALVES, Regina Célia. **A história e o oceano da memória:** algumas reflexões. IN: Revista SAECULUM. João Pessoa/PB: Ed. Universitária UFPB, 2000.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Memórias, percursos e reflexões – entrevista com Antonio Torres Montenegro.** SAECULUM – REVISTA DE HISTÓRIA. João Pessoa/PB: Editora universitária UFPB, jan/jun 2008.

NEVES, Lucilia de Almeida. **Memória, história e sujeito:** substratos da identidade. Revista História Oral/Associação Brasileira de História Oral, n. 03, 2000, pág. 109-116.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias.** Revista História Oral/Associação Brasileira de História Oral, n. 03, 2000, p. 117-127.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito, ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (organizadoras). **Elaboração de projetos:** guia do cursista. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 2009.

VERENA, Alberti. **Manual de história oral.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005.

## **UM ESCULTOR CHAMADO BATISTA**

### **Depoimentos orais:**

Entrevista gravada e transcrita José Batista, realizada em sua residência na Rua Cícero Jacinto, bairro do Catolé, Campina Grande/PB, por Herbert de Andrade Oliveira, na data de 14 de julho de 2011

### **Imagens:**

01 - Em frente a sua casa na Pedreira do Catolé (Campina Grande/PB)(jornal Diário da Borborema, edição de 17/03/1981)

02 - Pedreira do Catolé (jornal Gazeta do Sertão, edição de 14 de junho de 1981, Campina Grande/PB)

03 - Detalhe da Pedreira do Catolé (jornal Gazeta do Sertão, edição de 14 de junho de 1981, Campina Grande/PB)

04 - Moto atolada por conta dos alagamentos na Pedreira do Catolé (jornal Gazeta do Sertão, edição de 14 de junho de 1981, Campina Grande/PB)

05 - Esculpindo em casa (jornal Diário da Borborema, edição de 17/03/1981)

06 - Esculturas expostas ao lado do Hotel Tambaú em João Pessoa (segundo Batista, em finais da década de 80) (arquivo pessoal de Batista)

07 - Em trabalho de criação (CUCA, Campina Grande, 2010)(foto e arquivo pessoal do autor)

### **Jornais escritos:**

Gazeta do Sertão, edição de 14 de junho de 1981 (Campina Grande/PB) Diário da Borborema, edição de 17 de março de 1981 (Campina Grande/PB) Diário da Borborema, edição de 09 de janeiro de 1983 (Campina Grande/PB)

### **Outras fontes escritas:**

Certidão de Casamento de José Batista com Severina Rodrigues (arquivo pessoal de Batista)

## **BENEDITO, MESTRE DO ROJÃO**

### **Depoimentos orais:**

Entrevistas gravadas e transcritas com Benedito do Rojão, realizadas em sua residência no bairro do Monte Santo, Campina Grande/PB, por Herbert de Andrade Oliveira, nas seguintes datas:

- 1 - 07 de março de 2011
- 2 - 22 de março de 2011
- 3 - 15 de abril de 2011
- 4 - 02 de junho de 2011
- 5 - 21 de junho de 2012

### **Imagens:**

08 – Capa do terceiro CD de Benedito do Rojão (arquivo pessoal)

### **Bibliográficas – contextualizações:**

LUIZ, Janailson Macêdo. SOUZA, Maria Lindaci Gomes. **Caiana, coco e ciranda:** as cirandeiras de Caiana dos Crioulos e a arte de (re) inventar as tradições e o cotidiano. Artigo apresentado no II Seminário Nacional – Gênero e Práticas Culturais

MOURA, Fernando, VICENTE, Antonio. **Jackson do Pandeiro:** o rei do ritmo. São Paulo/SP: Editora 34, 2001

SOUZA, Onildo Gouveia. **Memória de trabalhadores da cultura do algodão em Serra Branca – PB (1950-1980).** Monografia do Curso de História – DHG/UEPB. Campina Grande/PB: 2007.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. OLIVEIRA, Flavianny Guimarães. FREITAS, Goretti Maria Sampaio. **História da mídia regional:** o rádio em Campina Grande. Campina Grande/PB: EDUFCEG/EDUEP, 2006

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Morte e vida das oligarquias:** Paraíba (1889-1945). João Pessoa: Ed.Universitária/UFPB, 1994.

BELTRÃO, Napoleão Esberard de. **Breve História do Algodão no Nordeste do Brasil.** Campina Grande/PB: EMBRAPA ALGODÃO, 2003.

SOUZA, Onildo Gouveia. **Memória de trabalhadores da cultura do algodão em Serra Branca – PB (1950-1980).** Monografia do Curso de História – DHG/UEPB. Campina Grande/PB, 2007.

### **Músicas de Benedito do Rojão:**

Carro de Boi, Senhor de Engenho, Benedito no Coco, Nascendo o dia, Bandeira do Forró, Forró na Gafieira (Rossil Cavalcanti), Três pedidos (Jackson do Pandeiro)

## AS MORTES DE JOÃO ROBERTO

### Depoimentos orais:

- Entrevistas realizadas em pesquisa de campo no Distrito Coronel Maia e no Açude Olho D'água (Catolé do Rocha/PB, dez/2011)(áudio arquivo pessoal): \* Francisco Aécio da Silva (70 anos, agricultor)
  - \* Alcides Fernandes (66 anos)
  - \* Avaní Fernandes (agricultor)
- Entrevistas realizadas em pesquisa de campo no Distrito Coronel Maia e no Açude Olho D'água (Catolé do Rocha/PB, maio e agosto de 2013) (áudio arquivo pessoal): \* José Alves Pereira "Tatuzinho"
- Audiência Pública Comissão Estadual da Verdade PB (João Pessoa, 19/dezembro/2013) (áudio arquivo pessoal):
  - \* Rita Almeida

### Imagens:

- 09 - Cruz em homenagem a João Roberto (Açude Olho D'água, Catolé do Rocha/PB, 2013) (foto e arquivo pessoal do autor)
- 10 - Açude Olho D'água (2013) (foto e arquivo pessoal do autor)
- 11 - Casa onde teria se hospedado João Roberto (atual distrito de Coronel Maia, Catolé do Rocha/PB) (foto e arquivo pessoal do autor)
- 12 - Última foto em vida (arquivo familiar, cópia do arquivo de Waldir Porfírio)

### Bibliográficas – contextualizações:

ARAÚJO, Maria do Amparo Almeida (responsável pela comissão). **Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Direito à verdade e à memória: comissão especial sobre mortos e desaparecidos políticos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Direito à memória e à verdade: história de meninas e meninos marcados pela ditadura. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2009.

MERLINO, Tatiana, OJEDA, Igor. (orgs) Direito à memória e à verdade: luta, substantivo feminino. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2010.

### Jornais escritos:

Jornal do Comércio (Recife/PE, 13.02.1989), Folha de São Paulo (São Paulo/SP, 13.10.1968)

### Outras fontes escritas:

Decreto-Lei n° 477/69 (26 de fevereiro de 1969)

Decreto-Lei n° 510/69 (20 de março de 1969)